

O MODO DE VER E DIZER A EDUCAÇÃO AMBIENTAL
THE WAY OF SEEING AND SAYING ENVIRONMENTAL EDUCATION
LA FORMA DE VER Y DECIR EDUCACIÓN AMBIENTAL

Rafaela Bruno Antunes de Souza*
rbads.mca19@uea.edu.br

Mônica de Oliveira Costa*
mdcosta@uea.edu.br

*Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia, Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus – AM – Brasil.

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo mapear modos de ver e dizer a Educação Ambiental nas fronteiras dos estudos do discurso e da cultura. Trata-se de um recorte de um estudo em andamento no qual analisamos a ideia de Educação Ambiental em teses e dissertações presentes na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Brasileiras no período de 2001 a 2019, tendo como palavras chaves “Educação Ambiental”, “Michel Foucault” e “discurso”, analisando as materialidades dos referidos trabalhos. Os resultados apontam que dentro dos estudos do discurso e da cultura, a Educação Ambiental ainda é pouco estudada nas escolas e muito mais nas mídias e na literatura.

Palavras Chave: Fabricação, Discurso, Cultura.

Abstract

This research aims to map ways of seeing and saying Environmental Education at the frontiers of discourse and culture studies. This is an excerpt from an ongoing study in which we analyzed the idea of Environmental Education in theses and dissertations present in the Digital Library of Brazilian Theses and Dissertations from 2001 to 2019, with the keywords “Environmental Education”, “Michel Foucault” and “discourse”, analyzing the materialities of the referred works. The results show that within the studies of discourse and culture, Environmental Education is still little studied in schools and much more in the media and literature.

Keywords: Manufacturing, speech, culture.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo mapear formas de ver y decir Educación Ambiental en las fronteras del discurso y los estudios culturales. Este es un extracto de un estudio en curso en el que analizamos la idea de Educación Ambiental en tesis y disertaciones presentes en la Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones Brasileñas de 2001 a 2019, con las palabras clave “Educación Ambiental”, “Michel Foucault” y “discurso”, analizando las materialidades de las obras referidas. Los resultados muestran que dentro de los estudios del discurso y la cultura, la Educación Ambiental todavía se estudia poco en las escuelas y mucho más en los medios y la literatura.

Palabras clave: Fabricación, discurso, cultura.

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho, como diz Zanco (2015, p. 296), “não foi apontar o que é “certo” e o que é “errado” para a área de educação ambiental”, mas sim verificar outros modos de ver e dizer a Educação Ambiental diferentes daqueles centralizados e hegemônicos, a partir dos estudos do discurso e da cultura.

Este recorte é feito de uma pesquisa em andamento cujo objetivo geral é analisar os modos de ver e dizer a Educação Ambiental de uma Secretaria de Ensino do Estado do Amazonas. Neste recorte, o objetivo centra-se em analisar os modos de ver e dizer a Educação Ambiental em teses e dissertações que estão disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Brasileiras, no período de 2001 a 2019, a partir das palavras chaves “Educação Ambiental”, “Michel Foucault” e “Discurso”.

A escolha pelo tema da Educação Ambiental se deve a aproximação com a primeira autora, que escolheu o curso de Ciências Naturais como área de conhecimento e de profissão desde o Ensino Fundamental, momento em que foi atraída pelas aulas de ciências. Nessa direção, sempre esteve envolvida pelo tema em foco.

Nesses tempos de deslocamentos em nossa formação, por meio da aproximação de uma ideia de currículo como artefato cultural, sustentadas na perspectiva pós-crítica de currículo, como diz Corazza (2002, p. 108), “significando-se como um currículo cultural” [...], em que cultura é tratada como uma invenção dos processos históricos. Salientamos que nos apoiamos também nos Estudos Culturais, estes - como afirma Meyer e Paraíso (2014, p.26): [...] “defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais [...]”

Sendo assim, entendemos que cada olhar é construído por uma série de discursos que nos fazem ver de uma determinada forma, consoante as afirmações de Larrosa (1994), que o poder que existe nas evidências não é tão absoluto, mas possibilita a maneira de ver o outro modo das situações. Destarte, a questão que nos mobiliza é: quais os modos de ver e dizer a educação ambiental em teses e dissertações brasileiras?

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRODUÇÃO DISCURSIVA

O trabalho de Michel Foucault como historiador é questionado pelo fato de que ele discorre sobre as bases da prática historiográfica, e nisto há a discussão sobre os conceitos que são sólidos, como: razão, poder e contradição presentes nos fatos históricos. Todavia, ele defende a negação sobre a imutabilidade das alegorias históricas, e para a defesa de tal posicionamento, sua linha de defesa é apresentada a partir da

contingência radical e também direcionada ao caráter não linear do conhecimento histórico. Assim, pode-se estabelecer relações entre Foucault e a história, como na afirmação a seguir:

O documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que passou e o que deixa apenas rastros: ela procura definir, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações (FOUCAULT, 2008, p.7).

A partir de tal perspectiva, queremos buscar compreender por meio desta ideia de história as possibilidades de ver e dizer a Educação Ambiental ao longo de um período histórico. Logo, a questão que se destaca através dessa premissa consiste em indagar em: como a Educação Ambiental é vista quando se considera os estudos do discurso e da cultura?

Dessa maneira, para discorrer sobre o tempo e o ambiente, identificamos dois tempos que interferem na temporalidade sobre o meio ambiente, isto é, o tempo curto e o tempo longo. Para Carvalho (2012, p. 91), “o tempo de curta duração diz respeito ao que chamamos de contemporaneidade” [...], ou seja, aquilo que ocorre em tempo presente. Nisto, percebemos que o fenômeno ambiental, considerado um problema social, refere-se ao mundo contemporâneo na segunda metade do século XX, especialmente na década de 70.

A compreensão sobre a maneira pela qual o homem compreende a natureza está intimamente ligada à estruturação do modo de vida de determinada cultura. Por isso, a elucidação dos processos históricos da relação entre o homem e o meio ambiente é fundamental para o entendimento das intervenções humanas no espaço (NAVES; BERNARDES, 2014, p. 8).

Desse modo, entende-se que vivemos observando as intervenções das ações humanas na natureza, já que frequentemente assistimos na mídia informações sobre a questão ambiental, como em muitos programas de televisão que buscam ressaltar a necessidade de preservação da natureza, ou seja, quando expõem a questão do desmatamento, fazendo-nos pensar em apenas um modo de ver e dizer a Educação Ambiental, pois a mesma envolve muitos fatores.

[...] as enunciações dos artefatos culturais que tratam da temática ambiental nos ensinam algumas verdades sobre o meio ambiente e a natureza, porém elas são construídas e são legitimadas com a força da mídia, esses artefatos são produções midiáticas que nos orientam na forma de enxergar a natureza e a relação do homem com ela (HENNING; GARRÉ; VIEIRA, 2017, p. 129).

Destarte, vamos construindo nossas ideias sobre a Educação Ambiental por meio dos artefatos culturais, seja pela mídia em geral, aceitando ou até mesmo recusando o que ela nos diz. Neste sentido, procuramos saber: há uma única forma de leitura para a Educação Ambiental?

Se for assumida a importância da história e da cultura para nos ajudar no modo de ver e dizer a Educação Ambiental, nossa resposta, como diz Wortmann (2001) percorre a diversidade de representações que teremos sobre a natureza circundadas na cultura; dessa maneira, Guimarães (2008, p. 88) ao abordar sobre a construção das ideias sobre a natureza diz que “contudo, precisamos estar atentos para não pensarmos que cada indivíduo, solitariamente através da sua consciência, seja capaz, de construir sua própria ideia de natureza”, pois essas ideias são fabricações/produtos da cultura e da história; portanto, existe uma multiplicidade de representações sobre a Educação Ambiental, a natureza e o meio ambiente, atuando na cultura.

Na origem, as relações do homem com a natureza foram estabelecidas pela dependência daquele com os recursos naturais, como afirmam Naves e Bernardes (2014, p. 11) [...] “nossos antepassados eram nômades e, devido à absoluta necessidade de sobrevivência, dirigiam suas energias na busca de condições favoráveis da natureza para sua adaptação”, isto é, se relaciona ao estilo de vida dos mesmos e à busca pela sobrevivência.

Para Oliveira (2015), no Renascimento, havia um duelo entre o civilizado e o natural, já que os discursos civilizatórios eram hierarquizados aos discursos sobre natureza; desta forma, entendemos que no período renascentista não existia o discurso de preservação. Como síntese do entendimento do século XVII, o enunciado era de natureza selvagem, que se potencializava com a produção sobre um espaço afastado da civilização, com a associação entre a filosofia natural e matemática presentes na Revolução Científica, o Universo passou a ser visto como um maquinário para a ciência mecanicista do mundo. Assim, entendemos que o modo de ver e dizer a *Educação Ambiental, natureza e o meio ambiente* está relacionado à crise ambiental moderna.

Por sua vez, em vários momentos históricos brasileiros, ocorreram discursos de proteção ambiental, a exemplo da década 50, no século XX, sobre a qual Guimarães (1998) discute sobre os discursos jornalísticos no Rio Grande do Sul. Esses mostram os mesmos discursos do século XIX, visando a preocupação com o desmatamento, a desertificação e com a água. Isto é, algo que mesmo em diversos contextos a proteção da natureza circulou na sociedade durante a história. Guimarães (2008) ainda revela-nos que na década de 70 começaram a surgir os movimentos ecológicos que alargaram a temática

ambiental, como também os responsáveis pela importância dada ao longo dos anos 1990, contribuindo assim para o processo de consolidação da Educação Ambiental.

Para tanto, uma das características dos movimentos ecológicos relaciona-se com a ideia de contestação social, esta que já estava presente em pautas sociais e acadêmicas desde os anos de 1960, e também ao fato de que eles podem ser considerados plurais na sociedade. Para Carvalho (2012) esses movimentos são aqueles grupos que surgiram nos Estados Unidos e Europa, desde o fim da década de 60 do século XX, ocorrendo no Brasil e na América Latina nas décadas de 70 e 80. Em suma, representam uma denúncia do modo de vida das sociedades industriais modernas.

Por sua vez, na década de 70, as forças étnicas e das minorias cresceram por toda parte, reivindicando novos direitos e o reconhecimento de diversas visões acerca da Educação Ambiental. Ao mesmo tempo as ideias ecologistas originaram-se em um momento da história recente buscando a mudança na sociedade para as questões ambientais.

Nas décadas posteriores, 80 e 90, houve um progressivo diálogo e aproximação, entre as lutas ecológicas e os movimentos sociais urbanos, contribuindo para que o movimento ecológico brasileiro compartilhasse um caráter internacionalizado pela luta ao meio ambiente. No ano de 1980 surgiu a Educação Ambiental como prática de saberes, possuindo um viés educativo, sendo consolidada nos anos 1990.

Assim, ao fazer uma comparação entre as décadas e a visão a partir dos anos 1990, percebemos que uma das definições da Educação Ambiental tem por foco o olhar de destruição da natureza, algo observado - por exemplo, na animação infantil, *O Lórax: em busca da trífula perdida* (2012). Esta aborda a consciência e conservação sobre o meio ambiente para as crianças, encontrando razões para amar a natureza, que ao relacionar a visão das décadas de 80 e 90, temporalidade em que houve as lutas ecológicas e movimentos sociais urbanos, evidencia-se uma concepção em que se deve cuidar do meio ambiente para o mesmo não ser destruído.

De acordo com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, instituindo a Política Nacional de Educação Ambiental, que cita:

A Política Nacional de Educação Ambiental será executada pelos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente - SISNAMA, pelas instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino, pelos órgãos públicos da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, envolvendo entidades não governamentais, entidades de classe, meios de comunicação e demais segmentos da sociedade (BRASIL, 1999, Art.1).

Assim, é necessário ter uma visão completa da natureza, além das questões da natureza associada às questões sociais, como também daquelas relacionadas à cultura. Com efeito, essa mudança não irá focalizar apenas o mundo biológico das ciências naturais, mas irá envolver o mundo da vida, das ciências humanas juntamente com os movimentos sociais.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho apresenta um mapeamento que procura identificar os modos de ver e dizer a Educação Ambiental, considerando os estudos do discurso e da cultura. Tal estudo foi realizado em teses e dissertações publicadas no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2001 a 2019. A escolha se deu por considerar que há trabalhos que mostram uma importante contribuição das produções acadêmicas, procedentes dos programas de pós-graduação, para poder constituir o *corpus* documental desta pesquisa, este levantamento bibliográfico ocorreu em dois momentos.

No primeiro momento foi realizado uma busca dos trabalhos no endereço eletrônico do repositório citado anteriormente, com as seguintes palavras chave: “Educação Ambiental”, “Michel Foucault” e “Discurso”, pois este trabalho se alinha às pesquisas que instigam o encontro entre a Educação Ambiental e com os Estudos Culturais. Como resultado encontramos 21 trabalhos, sendo 9 teses de doutorado e 12 dissertações de mestrado. Após a leitura de cada resumo, percebemos que 05 trabalhos não correspondiam ao objeto dessa pesquisa, por isso, foram descartados.

O Segundo momento consistiu na (re)leitura de resumos e em alguns trabalhos, e em observações do corpo do texto desses estudos. Ademais, nesta leitura buscamos identificar os modos de ver e dizer a Educação Ambiental, isto porque a Educação Ambiental pensada sobre o enfoque pós-estruturalista promove a desconstrução das anteriores representações com a intenção de promover outros modos de ver e dizer a Educação Ambiental, permitindo-nos problematizar as verdades presentes nesses textos. Como afirma Fischer (2001, p. 198):

Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar.

Isto é, percebemos a partir da exposição de Fischer (2001) que deve-se olhar para o interior de cada discurso, uma vez que ele faz-nos entender em Michel Foucault que este afirma que nada está escondido por trás das cortinas, a existência dos enunciados e das suas relações fazem funcionar o discurso, algo que em sua análise permite-nos entender as práticas discursivas vivas no mesmo.

As categorias de análise eram os modos de ver e os modos de dizer a Educação Ambiental. Com isto, procuramos identificar quais as materialidades ou artefatos culturais eram usadas nessa pesquisa, haja vista que materialidades são imagens, fotografias, capas de revistas, jornais, animação, letras de música, documentos oficiais, entre outros materiais em que encontramos no discurso da Educação Ambiental e da cultura, essas eleitas como empiria pelos trabalhos.

Ademais, é necessário articular a Educação Ambiental com a cultura, já que a mesma possui uma centralidade com dimensão global, como afirma Hall (1997, p. 22) “a expressão "centralidade da cultura" indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo.” Isto é, a cultura está presente em muitos aspectos da nossa vida, além das particularidades do povo, das tradições, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A finalidade dessa pesquisa é mostrar de forma ampla os resultados oriundos das análises de 16 trabalhos, sendo 6 teses e 10 dissertações publicadas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Brasileiras (BDTD), no período de 2001 a 2019. Aqui iremos eleger o modo de ver e dizer a Educação Ambiental presentes em trabalhos de cunho científico que foram escolhidos mediante a critérios já mencionados anteriormente. Estes apresentam como a Educação Ambiental vem sendo vista e dita nas pesquisas da área de interesse. A importância deste estudo está sustentada no desejo de olharmos para o discurso da Educação Ambiental, sem julgar as pesquisas em “certo” ou “errado”.

Assim, para obtermos alguns resultados, sustentamos nossa exposição também nas premissas de Silva e Henning (2018, p. 983) que elucidam que “a Educação Ambiental, como qualquer campo de saber da Modernidade, está imbuída de uma política de gerenciamento dos saberes que ingressam na ordem do verdadeiro. Para o campo se constituir são necessários discursos que fabriquem os objetos nos quais se debruçam.” Pois as relações entre o homem e o meio natural são entendidos como práticas discursivas e não

discursivas, mas é válido expor que não estamos afirmando que todas as produções discursivas serão sobre a Educação Ambiental.

Sendo assim, na Tabela 1, temos as teses/dissertações relacionando à materialidade em que está presente o modo de ver e dizer a Educação Ambiental:

Tabela 1. Modo de ver e dizer a Educação Ambiental com suas materialidades, de acordo com o estado da arte.

TÍTULO	TESE/DISSERTAÇÃO	MATERIALIDADE OU ARTEFATO CULTURAL (REVISTAS, ENTREVISTAS, ENTRE OUTROS)
A ordem do discurso da Educação Ambiental. (2001)	Dissertação	Fala de professores
A Educação Ambiental enquanto campo de conhecimento: fatos ou fetiches? (2005)	Dissertação	Dados históricos
Educação Ambiental e foto – dispositivo: outras imagens do sertão do Peri. (2011)	Dissertação	Imagens
Educação Ambiental, cinema e biopoder: uma discussão possível (2011).	Dissertação	Animação infantil
Uma floresta tocada apenas por homens puros ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia. (2012)	Tese	Jornais
Especialista em Educação Ambiental – Constituição de subjetividades em curso na modalidade educação a distância. (2013)	Dissertação	Alunos
O descaso da crise ambiental nas letras de Rock and Roll: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos. (2013)	Dissertação	letras de Rock and Roll
Natureza e verdade: a pedagogização ambiental da sociedade contemporânea. (2013)	Tese	Dados ambientais
Educação Ambiental a distância, nas redes e processos de formação, currículos e subjetivação. (2013)	Dissertação	Narrativas de professores
O lixo e a conduta humana: gestão dos insuportáveis na vida humana. (2013)	Tese	Discurso socioambiental
A alfabetização na idade certa e a educação ambiental como práticas de governo: deslocamento nas políticas públicas para os três primeiros anos do ensino fundamental. (2014)	Tese	Documentos oficiais de instituição de educação
O dispositivo da educação ambiental: modos de constituir-se sujeito na revista Veja. (2015)	Tese	Revista Veja.

A Educação Ambiental diante da questão pós-moderna: uma análise arqueológica dos discursos de professores ciências. (2015)	Dissertação	Entrevistas com professores
Ecoturismo e produção de identidades: uma análise foucaultiana de discursos midiáticos. (2016)	Dissertação	Textos e imagens publicitárias
Educação Ambiental e biopotência como processos interconstituintes: potencializando outros modos de existência. (2017)	Tese	Imagens/entrevistas
Educação Ambiental e o desdobramento do poder ubuesco: uma análise foucaultiana. (2019)	Dissertação	Dados históricos

Fonte: Autoria própria.

Ao analisar os trabalhos, podemos verificar que eles defendem uma ideia de Educação Ambiental como algo inventado ou fabricado como explicado por Sampaio (2010) sobre o termo “fabricação”, com o propósito de reforçar o caráter discursivo na eleição de um suposto conceito de Educação Ambiental. Ou seja, a Educação Ambiental não é dito um conceito que surge do desenvolvimento histórico e científico, mas é fabricado para imprimir modos de pensar e agir alinhados com o tipo de cidadão que se espera. Em outras palavras, para formar um modo de pensar, agir e ver nesse indivíduo.

Neste sentido, há a denúncia de uma Educação Ambiental que é dita como modo de subjetivar sobre como deve-se ela relacionar com o meio ambiente. Ela seria uma espécie de conversão dos sujeitos para posturas ecologicamente corretas.

Uma outra questão que gostaríamos de enfatizar é a ideia de ver o ambiente como aquele que está em crise, de uma natureza como local desordenado, como nos trabalhos *A Educação Ambiental enquanto campo de conhecimento: fatos ou fetiche?*, da autora Paralhini (2005), e em *O descaso da crise ambiental nas letras de Rock and Roll: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos*, de Vieira (2013). Este, em particular, revela como o homem é um ser destruidor do planeta, mas isso gera um certo receio por parte do mesmo em perder o planeta; além disso, expõe como suas ações irão refletir na conduta humana com o mundo ao seu redor. Diante do exposto, a Educação Ambiental atuaria como meio para converter as pessoas a agirem de forma adequada, usando os recursos naturais de forma consciente.

Nestes trabalhos citados na tabela e nos exemplos, as materialidades ou artefatos culturais mais utilizadas são reportagens de capa de revista, documentos oficiais institucionais, imagens, jornais, entre outros. É neste sentido que apontamos a necessidade de estudos, ou seja, nessa perspectiva teórico-metodológico

nos documentos escolares e nas escolas, isto é, na tentativa de problematizar se estas ou outras ideias se fazem presentes nessas materialidades.

Segundo Silva e Henning (2018, p. 989) ao se afirmar sobre a fabricação de ideias na temática de interesse “problematizar a Educação Ambiental como um campo de saber que é fabricado em condições históricas, constantemente tensionadas pelas relações de poder, em que os saberes assumem a condição de verdade, requer a desmistificação dos relativismos.” Em outros termos, não estamos tentando aproximar as vertentes sobre a Educação Ambiental.

Dessa maneira, entendemos que as pesquisas que realizam a articulação em perspectivas teórico-metodológicas entre os estudos culturais e a Educação Ambiental promovem uma pedagogia que utiliza textos, imagens e outros artefatos culturais que buscam denunciar modos naturalizados de ser aprender sobre ela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos nas publicações que elas concebem uma forma de ver e dizer a Educação Ambiental, seja para fabricar ou inventar esses modos que constituem os modos de pensar, seja para agir em determinada circunstância; além disso, cumpre o papel de mostrar um conceito relacionado à natureza e à cultura. Em suma, em que faz por em prática a sustentabilidade.

Assim sendo, a Educação Ambiental como algo produzido ou fabricado leva-nos a pensar na nossa identidade como educadores ambientais, já que as práticas mostram uma série de discursos presentes a esse campo, fabricando até mesmo uma abordagem pedagógica sobre as questões ambientais.

Desse modo, se diz que ela nos ensina modos corretos de ver e dizer a Educação Ambiental no sentido de orientar a um olhar para uma só perspectiva. Com efeito, a articulação com a cultura torna-se necessária com a finalidade de se observar o processo histórico de construção da Educação Ambiental e desnaturalizar aquilo que é comum, dado.

A ideia de ambiente como algo destruído, leva-nos a pensar que iremos salvar o mundo, isto é, tornando-se uma verdade em que possamos mudar a situação do planeta, fabricando uma ideia ou solução para tal problema de forma individual.

Em outras palavras, essa perspectiva diz que ela converte para o cuidado, envolve os discursos pedagógicos, pois nos passam uma ideia de que podemos transformar a sociedade, produzindo efeitos nas subjetividades dos indivíduos.

Logo, esta pesquisa possibilitou mostrar que a escola e não somente ela forma, conforma e enforma o modo de ver e dizer a Educação Ambiental. Os resultados deste estudo apontam que dentro dos estudos do discurso e da cultura, a Educação Ambiental ainda é pouco envolvida nas escolas e muito mais nas mídias e na literatura, sendo necessário ampliar as pesquisas para essa área temática, analisando as suas materialidades ou artefatos culturais, presentes em revistas, jornais, documentos institucionais, entre outros, já que para Foucault a escrita envolve os pensamentos e ações daquele que elabora o texto; dessa maneira, a nossa convivência englobe subjetividades híbridas, estas que possuem uma formação histórica, revelando que somos distantes do tempo moderno, embora busquemos visibilizar os caminhos que engedram a Educação Ambiental.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental. Política Nacional de Educação Ambiental.** Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm> Acesso em: 02/04/2020

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?: pesquisas pós-críticas em Educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FISCHER, Rosa Maria. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/2001 Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 197-223, novembro/2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009> Acesso em: 28/12/2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber.** 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico) Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.

GUIMARÃES, L. B. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 33, n. 1, 2008, pp. 87-101. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/4244/4174>> Acesso em: 15/01/2020.

_____. **O educativo nas ações, lutas e movimentos de defesa ambiental: uma história de descontinuidades.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997, pp. 15-46. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>> Acesso em: 29/12/2019.

HENNING, P. C.; GARRÉ, B. H.; VIEIRA, V. T. O discurso da educação ambiental em artefatos culturais da atualidade. **Interacções**, n. 44, 2017, pp. 123-143. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9858/pdf>> Acesso em: 15/01/2020.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Thomas T. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves, (organizadoras). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. – 2ª. ed. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

NAVES, J. G. P.; BERNARDES, M. B. J. A relação histórica homem/natureza e sua importância no enfrentamento da questão ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 29, n. 57, 2014. pp. 7-26. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/2177-5230.2014v29n57p7/27882>> Acesso em: 27/01/2020.

OLIVEIRA, A. C. **O que é ambiente? Quando imagem é enunciado**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Universidade Federal do Pará, Belém – PA, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0Bxa8Ai93RdHQaVFsWW1jaUxsSHc/view>> Acesso em: 20/12/2019.

O LÓRAX em busca da trífida perdida. Direção: Chris Renaud. Produção: Estúdios Illumination Entertainment e Universal Pictures. 2012. 96 minutos de duração. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wg_dsGLqXPs> Acesso em: 27/01/2020.

PALHARINI, Luciana Aparecida. **An educação ambiental enquanto campo de conhecimento: fatos ou fetiches?** Dissertação (Mestrado em educação). Universidade de Campinas - UNICAMP, Faculdade de Educação, Campinas – SP, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/252408>> Acesso em: 20/12/2019.

SAMPAIO, S. M.V. Rastros e deslocamentos nos territórios da Educação Ambiental: tópicos sobre a fabricação de narrativas de identidade. GUIMARÃES, L. B.; KRELLING, A. G; BARCELOS, V. (orgs.). **Tecendo a Educação Ambiental na arena cultural**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

SILVA, L. S.; HENNING, P. C. A Educação Ambiental e sua produção científica: um olhar para as diferenças. **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 36, n. 3, 2018. pp. 978-991. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n3p978/pdf>> Acesso em: 01/04/2020

VIEIRA, Virginia Tavares. **O discurso da crise ambiental nas letras de rock and roll: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos**. Dissertação de mestrado em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FURG, Rio Grande – RS, 2013.

Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6080/Virginia.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15/01/2019.

WORTMANN, M. L. C. **Da inexistência de um discurso unitário para falar da natureza**. In: SCHMIDT, S. A educação em tempos de globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZANCO, J. Uma pesquisa inventiva de educação ambiental. In: Ana Maria Hoepers Preve *et al.* (Organizadores). **Ecologias inventivas: conversas sobre educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

Recebido em: 08/03/2020

Aceito em: 03/11/2020

Endereço para correspondência:

Nome: Rafaella Bruno Antunes de Souza

Email: rbads.mca19@uea.edu.br



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).